

Sergio Ranalli

Infraestrutura precisa de diversificação de modal e duplicações de rodovias

Energia limpa é principal potencialidade ante a concorrentes

Outra fragilidade do país está na infraestrutura. Apesar de alguns bons resultados na navegação de cabotagem e investimentos anunciados para a malha rodoviária, o país paga caro pelo abandono de suas linhas férreas.

Marcos Rambalducci chama a atenção para o problema. “Nós precisamos sair do modal rodoviário e embarcar no modal ferroviário. É fundamental que a gente tenha um planejamento para o sistema ferroviário. Nenhum país se industrializa transportando a matéria-prima e seu produto acabado por rodovia”, critica. “Uma base ferroviária digna precisa de 15 anos ou 20 anos para ser construída, mas é preciso dar esse passo”, completa.

Entre os investimentos previstos em rodovias está a concessão do Anel de Integração do Paraná, que prevê a modernização das estradas, além de um pacote de R\$ 3,4 bilhões anunciado recentemente pelo governo estadual. Para a região de Londrina, a expectativa é grande pelo término das obras de duplicação da PR-445, o que vai providenciar, enfim, uma ligação robusta entre as duas maiores cidades do Paraná e, conseqüentemente, ao Porto de Paranaguá. (C.F.)

Em meio a tantos desafios, um ponto coloca o Brasil em vantagem em relação a seus concorrentes: a matriz energética. Cerca de 80% da energia gerada no país é de fonte limpa. A maior parte é produzida em usinas hidrelétricas, mas nos últimos anos, a geração de energia eólica, produzida pelo vento, e a solar vêm ganhando destaque. Enquanto isso, no México, por exemplo, este índice não chega aos 30%.

Com a pauta ESG em destaque, sigla em inglês para governança ambiental, social e corporativa, os países desenvolvidos tendem a condicionar o fechamento de contratos a empresas e países comprometidos com a sustentabilidade. “Hoje o ESG está na moda, é visto como uma novidade, mas, em breve, vai se tornar uma necessidade real em todas as esferas. O fornecedor de uma empresa grande, uma multinacional, vai ter que informar as condições do processo de produção, se ele é sustentável, ou então não vai conseguir vender”, alerta o consultor de PDI (Pesquisas, Desenvolvimento e Inovação) do Senai Paraná, Jorge Mondadori. (C.F.)



mais clareza nas propostas das políticas econômicas do governo federal. “É preciso um entendimento maior sobre os objetivos e metas econômicas e fiscais do novo governo”, pontuou em entrevista recente à FOLHA. A desburocratização também é essencial para atração de capital estrangeiro.

'MANICÔMIO TRIBUTÁRIO'

A necessidade de uma simplificação no sistema tributário brasileiro é consenso. Rambalducci elenca três pontos-chave para a modernização das políticas econômicas no país. A primeira é colocar fim ao que ele define como um “manicômio tributário”.

“Há uma máxima que diz

que o Brasil não é para amadores. É preciso uma reforma tributária que contemple a simplificação na forma que a gente paga os impostos. As empresas e as pessoas não estão querendo não pagar, mas é preciso simplificar. Cento e tantos tipos de impostos é absolutamente inviável para uma empresa. É claro que isso vai afastá-la”, pontua.

No âmbito da segurança jurídica, Rambalducci enfatiza a necessidade do país respeitar os contratos firmados. “Uma vez assinado pelas partes interessadas, o estabelecido tem que ser cumprido. Só é aceitável distrato se não houver o cumprimento de alguma cláusula por uma das partes”.

Por fim, como o terceiro ponto, o economista da Acil prega a solvência do Estado e também cita a importância da independência do Banco Central. “É muito difícil a gente imaginar empresas querendo produzir, contratar aqui, se houver altos riscos inflacionário e cambial. E como conseguimos afastar esses cenários? com equilíbrio fiscal e independência do Banco Central”, argumenta.

O vice-presidente da República e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, Geraldo Alckmin (PSB), garantiu que a aprovação da reforma tributária brasileira ocorrerá ainda no primeiro semestre deste ano.

Inovação nem sempre exige investimentos milionários

Na indústria de alta performance, cultura de inovação está muito atrelada a investimentos pesados e persistência. Especialista na área, o diretor de Inovação da Superbac, Giuliano Pauli, conta um pouco da experiência na área da biotecnologia. “O principal desafio é que o empresário entenda que empresas de inovação de alta performance demandam muito investimen-

to prévio antes de você obter o sucesso comercial de uma tecnologia. Não diria que é tentativa e erro, mas você sempre tem um pipeline de projetos muito longo que vai entrando no funil e vai se reduzindo até que você obtenha sucesso comercial. Algum desses vai manter o faturamento e a rentabilidade da empresa com geração de receita para retroalimentar o processo”, detalha Pauli.

Investir em inovação, porém, nem sempre requer investimentos milionários. A cadeia de produção paranaense tem cerca de 45 mil indústrias de pequeno e médio porte que trabalham para abastecer

as grandes plantas. Em muitas dessas empresas, tecnologias como um braço mecânico, impressoras 3D, não cabem no orçamento ou não se justificam. Então, quais necessidades tecnológicas são comuns às grandes e pequenas empresas? O consultor de PDI do Senai Paraná, Jorge Mondadori, tem a resposta na ponta da língua: a digitalização dos processos.

Mondadori aponta que, com a digitalização do processo, a empresa entende o que e como está produzindo, além de conhecer em detalhes os prazos de início e fim dessa produção para entregar para o próximo passo na cadeia de

suprimentos. “É aí que muita gente se perde”, lamenta. Ele usa o exemplo dos aplicativos. “Hoje, você pede um prato por aplicativo, aparece ali: ‘será entregue em até 12 minutos’. O app tem a média estatística do restaurante, o quanto o entregador vai levar na rota, e ele te dá esta estimativa. É esse tipo de coisa que está faltando para a indústria. Hoje existe um gap que é resolvido por telefonema: ‘oi, e o meu produto?’. Aí não sabe como está, quando vai chegar. Essa correção é a demanda mais urgente para o setor”, analisa.

“Há uma disparidade entre as grandes indústrias, multina-

cionais, que de fato já entraram no universo 4.0, e a nossa cadeia de suprimentos, as pequenas e médias, que ainda não têm processos de digitalização convergentes. Esse é o principal gargalo”, relata. Promover a cultura de inovação na indústria é um esforço comum entre as entidades do setor, como o próprio Senai, pertencente ao Sistema Fiep. “Fazemos um trabalho muito forte de conscientização, por meio de consultorias na área de manufatura enxuta, de redução de desperdícios, de aumento de eficiência operacional. O melhor argumento de conscientização é o bolso, porque ninguém quer jogar dinheiro fora”, conta. (C.F.)